Ao invés da escola, esta criança vai às ruas acompanhar a avó mendigo

Mendicidade ameaça crianças

Notícias, Cidade de Nampula, 09.07.2021, pág 07, col nº 31-3146

SERGIO FERNANDO

ALGUMAS crianças que residem em diferentes bairros da cidade de Nampula têm o futuro comprometido, porque são obrigadas a acompanhar os seus pais ou outros familiares com deficiência a pedir esmola no centro da urbe, em detrimento da escola, uma realidade que requer a intervenção das autoridades competentes como forma de salvaguardar o futuro das gerações vindouras.

O "Notícias" conversou com alguns petizes, que não esconderam o desejo de ter uma vida estável e que as permita frequentarem a escola, mas vêem-se obrigados a acompanhar pais ou outros familiares na busca do sustento diário, que encontram na mendicidade.

Algumas crianças dizem que praticam a mendicidade por uma questão de insensibilidade dos seus progenitores, e o exemplo disso é o menino Assane Domingos Armando, de 13 anos de idade, que claramente faz companhia à sua avó, Fátima Salimo, porque ela é deficiente visual.

A idosa passa por dificuldades para alimentar-se e os filhos e outros familiares não se importam com as suas necessidades e muito menos cuidam dela. Por causa dessa realidade, a cidadã optou por deslocar-se às ruas da cidade para viver de mão estendida.

A situação é constrangedora e comovea o menino Assane, pelo que passou a acompanhar a avó para as portas das lojas e locais de grande concentração para pedir esmola.

O pai do rapaz, segundo contou, exerce a actividade de electricista, uma actividade através da qual consegue o mínimo para sustentar a família, incluindo cuidar da própria mãe, que hoje está a pedir esmola nas lojas.

O cidadão Sirage Siaca, residente no Bairro de Namicopo, nos arredores da cidade, locomove-se numa cadeira de rodas, por causa da sua deficiência nas pernas. Ele é pai de quatro filhos, a quem tem o desafio de garantir o pão à mesa todos os dias.

Porém, a deficiência que lhe apoquenta não permite o exercício de qualquer tipo de actividade remunerável e explica que não encontra uma alternativa, por isso preferre deslocar-se todas as sextas-feiras às ruas da autarquia para pedir esmola. Para o efeito, Sirage Siaca conta com o apoio de Fernando Sirage, o seu terceiro filho, para empurrar a cadeira de rodas e facilitar a locomoção. Trata-se de um exercício que antes era feito apenas às sextas-feiras, mas agora é praticamente todos os dias.

O nosso interlocutor revela que o melhor local para pedir esmola são as entradas das mesquitas, para onde com frequência os crentes se deslocam às 12.00 horas para o momento de adoração.

Contudo, o menor Fernando Sirage, de 12 anos de idade, anseia estudar e ser um profissional na condução de viaturas. Está ciente de que precisa frequentar a escola, mas o facto de acompanhar o seu pai para pedir esmola está a perturbar o sonho. Entretanto, apesar de estar ciente dos prejuízos futuros, diz que a vida não lhe oferece escolhas, pois o sustento diário é algo que necessita no presente, por isso acompanhar o pai nas esmolas é incontornável.

Os desafios escolares

OS nossos entrevistados mais novos tentam conciliar a mendicidade e as actividades escolares, mas há, segundo eles, momentos em que isso se torna incomportável, sobretudo quando não há condições para comprar material escolar e uniformes.

Assane Domingos Armando é aluno da Escola Primária Completa de Mutomote, localizada no Bairro de Namutequelua, onde frequenta a 6ª classe. Conta as suas dificuldades: "nós éramos dois filhos, o meu irmão morreu. Sou o único que posso ajudar a vovó. A minha vontade é de me formar e ser professor quando for adulto. Neste momento não posso deixar de acompanhar a vovó porque ela está a sofrer para se alimentar", disse o menino, com um olhar triste mas cheio de esperança, porque "um dia vou conseguir".

O petiz exorta as pessoas a promoverem o amor ao próximo. Segundo as suas palavras, há empresários e proprietários de lojas que ignoram a presença dos mendigos. Pior com a pandemia do novo coronavírus, as pessoas dizem que não podem ajudar porque não conseguem lucro nos seus negócios.

Queixa-se de tratamentos pejorativos de algumas pessoas, nomeadamente alguns comerciantes. "Tenho presenciado situações de humilhações, mas não tenho forças para reagir, ou seja, estamos na rua para pedir ajuda. As pessoas dizem que a minha avó deve trabalhar, fazer negócio ou ir à machamba, mas ela é deficiente", lamentou.

O menino Fernando Sirage frequenta a 3ª classe na EPC de Namicopo e explica que tenta conciliar a prática da mendicidade e a escolarização, mas isso não permite maior concentração para as aulas, pois a falta de condições financeiras para custear as despesas da escola é a outra grande dificuldade.

De acordo com Sirage, as circunstâncias da vida poderão forçar o abandono da escola não só para ele mesmo, mas para o resto dos irmãos. "Estou a tentar ajudar o papá a conseguir dinheiro através da esmola para continuar a sustentar a família e a escola", disse.

Assane Domingos leva todos os dias a avó às ruas...

A VOZ DO MUNÍC

O "Notícias" conversou com alguns petizes, que não esconderam o desejo de ter uma vida estável e que as permita frequentarem a escola, mas vêem-se obrigados a acompanhar pais ou outros familiares na busca do sustento diário, que encontram na mendicidade.

Algumas crianças dizem que praticam a mendicidade por uma questão de insensibilidade dos seus progenitores, e o exemplo disso é o menino Assane Domingos Armando, de 13 anos de idade, que claramente faz companhia à sua avó, Fátima Salimo, porque ela é deficiente visual.

A idosa passa por dificuldades para alimentar-se e os filhos e outros familiares não se importam com as suas necessidades e muito menos cuidam dela. Por causa dessa realidade, a cidadã optou por deslocar-se às ruas da cidade para viver de mão estendida.

A situação é constrangedora e comovea o menino Assane, pelo que passou a acompanhar a avó para as portas das lojas e locais de grande concentração para pedir esmola.

O pai do rapaz, segundo contou, exerce a actividade de electricista, uma actividade através da qual consegue o mínimo para sustentar a família, incluindo cuidar da própria mãe, que hoje está a pedir esmola nas lojas.

O cidadão Sirage Siaca, residente no Bairro de Namicopo, nos arredores da cidade, locomove-se numa cadeira de rodas, por causa da sua deficiência nas pernas. Ele é pai de quatro filhos, a quem tem o desafio de garantir o pão à mesa todos os dias.

Porém, a deficiência que lhe apoquenta

os crentes se deslocam às 12.00 horas para o momento de adoração.

Contudo, o menor Fernando Sirage, de 12 anos de idade, anseia estudar e ser um profissional na condução de viaturas. Está ciente de que precisa frequentar a escola, mas o facto de acompanhar o seu pai para pedir esmola está a perturbar o sonho. Entretanto, apesar de estar ciente dos prejuízos futuros, diz que a vida não lhe oferece escolhas, pois o sustento diário é algo que necessita no presente, por isso acompanhar o pai nas esmolas é incontornável.

trabalhar, fazer negócio ou ir à machamba, mas ela é deficiente", lamentou.

O menino Fernando Sirage frequenta a 5ª classe na EPC de Namicopo e explica que tenta conciliar a prática da mendicidade e a escolarização, mas isso não permite maior concentração para as aulas, pois a falta de condições financeiras

Suposto abandono e gerações comprometidas

...Vai como Fernando Sirage, que leva o pai às sextas-feiras

ALGUNS mendigos entrevistados descrevem situações de abandono por parte das instituições do Estado que fariam assistência aos cidadãos carenciados, uma vez que a pandemia da Covid-19 forçou o encerramento do Centro de Acolhimento de Pobres e isso acelerou a mendicidade.

Sirage Siaca diz que os proprietários dos estabelecimentos comerciais é que contribuem a dar a mão para apoiar com o pouco que têm, facto que serve de consolo enquanto as instituições de assuntos sociais não atendem os pedintes.

"Antigamente tínhamos um centro onde recebíamos apoio, mas o local está encerrado por causa do novo coronavírus e por isso sentimos que fomos abandonados", lamentaram.

A coordenadora de Advocacia, Comunicação e Relações com o Governo na Visão Mundial em Nampula, Henrigueta Paulo, entende que o envolvimento dos menores na prática da mendicidade é uma situação que compromete o desenvolvimento dos menores a vários níveis.

A nossa fonte diz que as crianças estão a ser expostas a uma situação de vulnerabilidade que não ajuda, porque crescem com uma aprendizagem segundo a qual se não tiver algo para o sustento a mendicidade é uma das opções, o que representa perigo para as gerações vindouras.

"É de pequeno que se torce o pepino. As crianças devem ser ensinadas que só trabalhando é que se consegue o sustento diário e que viver de mão estendida não é positivo. Não é uma opção de vida", disse. De acordo com aquela responsável, é urgente encontrar formas para desencorajar o uso de crianças para acompanhar os idosos e deficientes para pedirem a esmola, pois da mesma forma que se fiscalizam as diversas actividades é possível controlar o exercício da mendicidade na perspectiva de evitar o envolvimento de crianças.

"Não há necessidade de se usar a força para o efeito, mas a sensibilização é a peça-chave para repensar a atitude. Os pedintes são pessoas adultas e com a consciência no lugar. Se as pessoas forem sensibilizadas sobre o mal que isso pode trazer para o futuro das crianças acredito que haverá mudança de comportamento", disse.

Na verdade, o dever e direito das crianças é de ir à escola para preparar o futuro delas, e o bom é que em Moçambique o ensino primário é gratuito.

A nossa fonte afirmou que a mendicidade ocorre com maior frequência nas cidades e vilas municipais, sendo que as autoridades autárquicas têm a responsabilidade de fiscalizar e sensibilizar os pais e os encarregados de educação para evitar o uso dos menores.

Projectado centro de acolhimento

O CONSELHO Municipal da Cidade de Nampula projectou a criação de um centro de acolhimento para idosos, deficientes e pessoas necessitadas que vivem em situação de extrema pobreza.

O director do Gabinete de Comunicação e Imagem da edilidade, Nelson Carvalho, disse que decorre uma auscultação que envolve os responsáveis dos diversos departamentos da instituição para avaliar a possibilidade.

"Estamos a realizar reuniões internas para auscultar os nossos técnicos sobre como devemos instituir o centro de acolhimento para pessoas carenciadas. Trata-se de um projecto que requer uma coordenação de todas as áreas de actividade, incluindo a Polícia Municipal, que será responsável pela fiscalização e sensibilização no sentido de evitar a mendicidade", disse Carvalho.

Para Carvalho, o trabalho que está a ser idealizado pela edilidade vai reduzir a presença de pedintes nas ruas e avenidas da urbe e, consequentemente, o uso de menores para acompanhar os seus familiares.